



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE DOURADOS
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA**

GEISA DE CARLI

**“PORQUE BRINCAR É FUNDAMENTAL”: EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORAS
EM FORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

DOURADOS-MS

2016

“PORQUE BRINCAR É FUNDAMENTAL”: EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORAS EM FORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Geisa de Carli *

Giana Amaral Yamin**

Resumo

O presente artigo trata-se de um relato de experiência vivenciado durante a disciplina Estágio Supervisionado em Educação Infantil, do Curso de Pedagogia de Dourados da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Analisa especificamente as atividades da sequência didática “Faz de conta”, desenvolvida com crianças do Maternal II. A metodologia do planejamento foi construída a partir de estudo bibliográfico, delineado ao longo da trajetória da estagiária no curso, o qual favoreceu a articulação de diferentes linguagens no cotidiano das crianças, tendo o brincar como atividade principal. Como resultado, a experiência revela a importância da inserção das atividades que exploram o brincar para as aprendizagens das crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil. Brincar. Estágio Supervisionado em Educação Infantil.

Abstract

This article is an experience report during the course Supervised Internship in Early Childhood Education, from the Pedagogy Course of the State University of Mato Grosso do Sul. It analyzes specifically the activities of the didactic sequence "Faz de cuenta", developed With Maternal II children. The planning methodology was based on a bibliographical study, delineated along the trajectory of the trainee in the course, which favored the articulation of different languages in the daily life of the children, having to play as the main activity. As a result, experience reveals the importance of the insertion of activities that exploit play to children's learning.

Keywords: Early Childhood Education. Play. Supervised Internship in Early Childhood Education.

Considerações iniciais

O presente artigo apresenta e analisa a Sequência Didática, “Faz de conta”, que integrou as vivências da disciplina Estágio Supervisionado em Educação Infantil, do Curso de

*Aluna do 4º ano do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Dourados MS. E-mail: geisa_decarli12@hotmail.com.

** Graduada em Pedagogia (1988). Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (2006). Tem experiência na área de Educação. Atua nos temas: educação infantil, alfabetização, crianças, infâncias, formação de professores e Ensino Fundamental. Coordenadora de área do PIBID/UEMS. Membro do Fórum Permanente de Educação Infantil de Mato Grosso do Sul. E-mail: giana@uems.br.

Pedagogia, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul na Unidade Universitária de Dourados. A experiência ocorreu no ano de 2014, com os meninos e meninas do Centro de Educação Infantil Ramão Vital Viana, localizado no Município de Dourados (MS). Teve como objetivo contribuir com as aprendizagens das crianças, aprofundar estudos acerca da contribuição do brincar na Educação Infantil e ampliar os conhecimentos das professoras em formação, aproximando-as do futuro ambiente de trabalho.

O Centro de Educação Infantil é um espaço para cuidar e educar crianças de zero a cinco anos de idade. Deve ser organizado e planejado para atender as especificidades das crianças. Precisa “[...] favorecer um ambiente físico e social onde as crianças se sintam protegidas e acolhidas, e ao mesmo tempo seguras para se arriscar e vencer desafios.” (BRASIL, 1998 c, p. 15).

À época da realização da experiência do estágio supervisionado, o Centro Ramão Vital Viana atendia crianças de zero a cinco anos de idade e contava com a infraestrutura inadequada. Essa afirmação é pautada na bibliografia consultada. O espaço na Instituição de Educação Infantil precisa ser planejado e deve “[...] propiciar condições para que as crianças possam usufruí-lo em benefício do seu desenvolvimento e aprendizagem.” (BRASIL, 1998 a, p. 69). Tais indicações não contemplavam a realidade do CEIM à época do estágio, como revela o excerto:

Ao adentrarmos a sala de atividades do Maternal I percebemos que é uma sala bem pequena com pouca ventilação e é o local onde as crianças passam boa parte do tempo. Um dos nossos objetivos com a turma foi proporcionar atividades que fossem fora da sala de atividades, possibilitando que as crianças passassem mais tempo no espaço externo, criando, estimulando e explorando novos desafios e materiais. (Relatório de Estágio, 2014).

Partindo deste princípio, o Estágio Supervisionado em Educação Infantil da UEMS, foi organizado em duplas de professoras* em formação. Durante o período, as estagiárias vivenciaram diferentes experiências com as crianças da instituição, de todas as idades, na intenção de interagir com as turmas e conhecer suas especificidades. Para isso, desenvolveram atividades de leituras, de contações de histórias, de músicas, de modelagem, entre outras. Nesse contexto, o brincar foi valorizado, já que os documentos Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) o cita como fundamental, pois essa atividade:

*Agradeço a Danyelle Fabryne Santana Pereira “Meu Doce”, por ter sido minha parceira de Estágio Supervisionado em Educação Infantil, por participar de todo o processo das atividades e por estar comigo em todos os momentos da graduação.

[...] uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de as crianças, desde muito cedo poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. (BRASIL, 1998, p.22).

Para a organização do estágio supervisionado, no ano de 2014, as atividades da turma do terceiro ano da Pedagogia da UEMS, com as crianças, foram planejadas sistematicamente, pois acreditamos que o planejamento é importante para o sucesso da prática educativa. Quando planejamos, refletimos sobre as crianças, suas realidades e necessidades de aprendizagens. O planejamento possibilita “[...] uma aprendizagem significativa para as crianças, nas quais elas possam reconhecer os limites de seus conhecimentos, ampliá-los e/ou reformulá-los” (BRASIL, 1998 c, p. 196).

Após termos vivenciado experiências em todas as turmas do CEIM, realizamos uma experiência longitudinal específica na turma do Maternal II, na qual desenvolvemos duas sequências didáticas. A sequência didática (SD), segundo Nery (2007, p. 114) é “[...] um trabalho pedagógico organizado em uma determinada sequência, durante um determinado período estruturado pelo professor, criando assim, uma modalidade de aprendizagem mais organizada.” A SD é um trabalho organizado de forma sequencial, desenvolvido pelo professor para se trabalhar um determinado tempo, com conteúdos relacionados a um mesmo tema, a um gênero textual ou autor específico ou uma brincadeira.

Nesse sentido, o trabalho com sequências didáticas que desenvolvemos na educação infantil (EI) foi importante, pois as crianças aprenderam de uma forma gradativa, seguindo as atividades propostas por etapas, contextualizadas e significativas, promovendo a consolidação dos conceitos e tornando-se mais eficiente o processo da aprendizagem.

A primeira SD desenvolvida foi a “Culinária”, que gerou novas experiências às crianças. Elas brincaram com alimentos, experimentaram texturas, melecas, cores, cheiros, temperaturas, além de sabores e aromas. Também trabalharam umas com as outras, experienciaram o manuseio de instrumentos e de alimentos nos seus diferentes estados físicos.

Além da SD Culinária, no segundo semestre, desenvolvemos uma proposta que permitiu às crianças experienciarem vivências para que elas brincassem, não só com materiais confeccionados, mas com situações às quais lhes permitissem explorar o faz de conta, o manuseio de instrumentos, de brinquedos e recursos construídos por elas e para elas. Assim, nasceu a Sequência Didática “Faz de conta”, foco deste artigo.

Com a proposta, objetivamos que os meninos e meninas dessem “asas” à imaginação, que se expressassem por meio de diferentes linguagens e que explorassem os

diversos espaços da instituição, para além da sala de atividades. O direcionamento das ações atendeu às indicações do documento Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010, p. 20) em respeito aos “[...] deslocamentos e os movimentos amplos das crianças nos espaços internos e externos às salas de referência das turmas e à instituição”. Por tudo isso, a maior parte das atividades foi realizada no espaço externo da instituição, para estimularem as crianças a criarem desafios e explorarem novos objetos.

Alguns conceitos que guiaram as atividades

O Estágio Curricular Supervisionado é o momento no qual o docente em formação mantém o primeiro contato com o campo de atuação, além de ser uma oportunidade para conhecer como será o futuro ambiente de trabalho (BRASIL, 2008). Sendo assim, é uma etapa indispensável no processo inicial de formação.

Além da grande importância, o estágio na EI é uma etapa do processo de aprendizagem da formação docente. É o momento em que colocamos em prática os conhecimentos teóricos adquiridos durante as aulas do curso. De acordo com Pimenta (1995, p.76), durante o Estágio Curricular Supervisionado, é preciso participar e atuar em todos os momentos. Esse momento envolve “[...] o saber observar, descrever, registrar, interpretar e problematizar a realidade das crianças”.

Considerando o exposto, avaliamos que as atividades que foram desenvolvidas durante o estágio na Educação Infantil da UEMS exigiram muita dedicação, pois nós estagiárias, desenvolvemos uma sequência didática que incluíram atividades que dialogaram com todas as áreas. Para isso, foi preciso conhecer a realidade das crianças, seus saberes, valores, conhecimentos e necessidades, através de socializações durante as brincadeiras com as crianças. Elas foram vistas como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, p.12).

Partindo deste princípio, as crianças também foram concebidas como seres lúdicos que fazem suas próprias construções por meio do brincar, do encenar, do estabelecimento de vínculos afetivos e das situações que vivenciaram durante as brincadeiras que serviram de auxílio para a construção das ideias e sentimentos que tinham, à época, sobre o mundo, as pessoas e sobre si mesmo. De acordo com o RCNEI, nas brincadeiras de faz de conta, as

crianças criam a capacidade de imitar, imaginar e representar sem medo da imposição do adulto.

Por ser a primeira etapa da educação, a Educação Infantil, tem a função de cuidar e de educar num contexto de interações e brincadeiras. O brincar está associado à necessidade das crianças há muito tempo. Contudo, foi percebido e valorizado no espaço educacional recentemente. Nesse sentido, vale ressaltar as palavras de Almeida (2003, p.37), para a qual, “O brincar faz parte da vida da criança, simboliza a relação pensamento ação e torna possível o uso da fala, do pensamento e da imaginação”. Sendo assim, no estágio da UEMS, desenvolvemos atividades que exploraram todos os espaços da instituição e promoveram brincadeiras, nas quais as crianças puderam imaginar e ampliar a autonomia.

Nesse contexto, a brincadeira cria para as crianças uma zona de desenvolvimento proximal definida por Vygotsky como “[...] a distância entre o nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema”, (BRASIL, 2005, p.23). Esse conceito ampliou a valorização da brincadeira em todo o estágio supervisionado. As crianças brincaram e aprenderam por meio de atividades temáticas, interpretando personagens. E, a partir do mundo criado, elas internalizaram regras. Brincando, acionaram seu mundo imaginário e compreenderam o mundo real. Valorizaram objetos, socializaram com os colegas e privilegiaram a imaginação e as diversas brincadeiras.

Vygotsky nos indica, ainda, para a importância de uma mediação que favoreça o nível de desenvolvimento potencial do sujeito, determinada “[...] através da resolução de um problema, sob a orientação de um adulto, ou de um companheiro mais capaz”. (BRASIL, 2005, p. 23).

Somado a isso, a inserção das múltiplas linguagens permeou todas as brincadeiras. A linguagem foi considerada como “[...] a capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhá-los em sistemas arbitrários de representação”. (BRASIL, 1997, p. 05), por isso é importante para a aprendizagem das crianças. De acordo com Peixoto; Azevedo (2011, p. 86) “[...] o espaço de vivências possibilita uma aprendizagem mais integradora nas diferentes linguagens expressivas, vivenciadas de formas articuladas e podem atuar como instrumentos que ressignifiquem a aprendizagem das crianças”. As linguagens nas quais as crianças se expressaram durante a SD foram o movimento, a música, artes visuais e linguagem verbal. Vivenciaram, também, situações com a linguagem escrita, como nos momentos de leitura e de consulta a um mapa, como indicaremos no relato.

A Sequência Didática “Faz de Conta”: caminhos percorridos...

A Sequência didática que realizamos no estágio supervisionado, “Faz de conta”, teve duração de cinco semanas. Abarcou o planejamento de atividades ligadas ao brincar e envolveu crianças do Maternal II, com aproximadamente dois a três anos de idade.

Focalizando o faz de conta, como eixo principal, a SD envolveu experiências com a música, com as artes visuais, com a oralidade e com a literatura. Foram oportunizadas às crianças momentos nos quais elas vivenciaram as seguintes brincadeiras temáticas: “Brincando de pirata”, “Brincando de Chapeuzinho Vermelho”, “Somos nadadores”, “A bruxa que encanta” e “Voando no tapete mágico”. As atividades, analisadas na sequência, exploraram diversas linguagens, impulsionaram a imaginação e ampliaram o repertório cultural das crianças.

a) Brincando de pirata

A primeira atividade da Sequência Didática foi “Brincando de pirata”. Antes de iniciar a brincadeira, acolhemos as crianças com uma leitura deleite. Para acolhida, lemos o conto “Aladim”. Em seguida, dançamos as músicas do CD Crianças, de Manoel de Barros. Para dar início à SD, apresentamos a proposta às crianças e socializamos sobre o tema, além de participarem, elas “[...] ampliam suas capacidades comunicativas, como a fluência para falar, perguntar, expor suas ideias, dúvidas e descobertas.” (BRASIL, 1998 c, p. 138). Com a experiência, meninos e meninas relacionaram o tema a tesouros, como revela Bryan: “Os piratas procuram tesouros! Por que eles querem ser muuuuito ricos”. Juntos, confeccionamos barcos com caixas de papelão; espadas com varetas de madeira, tapa olhos; bandanas e o mapa.

Depois, para brincar, imaginamos sermos piratas em alto mar, navegando em busca do tesouro perdido. Perguntamos às crianças se elas conheciam algo referente a tesouros perdidos e quem gostaria de procurar por eles, todos afirmaram: “Eeeuuuu!”.

A partir daí, colocamos a atividade em prática. Distribuimos para cada uma as vestes de pirata, uma espada (varetas de madeira) e lhes mostramos um barco (de caixa de papelão). Partimos do princípio que “Os brinquedos, materiais e atividades diversas servem para que as crianças expressem suas experiências utilizando vários recursos para narrar o que percebem ao seu redor”. (BRASIL, 2012, p. 28). Com esse apoio, “saímos navegar mar adentro”. Paramos em todas as ilhas imagináveis construídas no gramado da instituição.

Imagem 1: Atividade: Brincando de pirata.



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2014.

Durante o percurso, consultamos o mapa, à procura do tesouro perdido. O contato com o gênero textual mapa permitiu às crianças “[...] reconhecerem a função atribuída a essas representações nos contextos cotidianos e se aproximarem das características da linguagem gráfica utilizando a cartografia.” (BRASIL, 1998 c, p. 157). Com esse apoio, chegamos à primeira ilha, localizada perto de uma árvore, mas o tesouro não foi encontrado. Seguimos a viagem motivados pelo som do mantra: “Ao infinito e avante!” quando, então, paramos na segunda ilha. Nela, procuramos pelo tesouro, o qual também não foi encontrado.

Imagem 2: Atividade: Brincando de Pirata



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2014.

Devido a isso, continuamos nossa busca. Viajamos até chegar à ilha do Parque Perdido (localizada no parque). Descemos do barco, consultamos o mapa e, para nossa surpresa, ali estava o tesouro perdido: uma caixa dourada repleta de maçãs, que foram devoradas por todos os piratas.

Imagem 3: Atividade: Brincando de Pirata



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2014.

Pudemos avaliar o interesse das crianças que participaram da intervenção. Elas pediram: “Prof. Vamos brincar de novo de pirata!”, e disseram que gostaram da brincadeira alegando: “Eu gostei de ser pirata! Posso levar minha fantasia para casa?”. Infelizmente, não foi possível brincarmos novamente, pois chegara a hora do lanche.

b) Brincando de Chapeuzinho Vermelho

A segunda atividade da SQ foi “Brincando de Chapeuzinho Vermelho”. Primeiro, acolhemos a turma com a leitura do conto “Chapeuzinho Vermelho”. Seu conhecimento do enredo permitiu que elas participassem ativamente. Repetiram elementos e aguardavam o momento para dizer as partes da história, como indica o RCNEI (BR, 1998).

Dando sequência a brincadeira, apresentamos outra etapa da SQ às crianças e as deixamos escolher qual personagem gostariam de representar: Lobo Mau ou Chapeuzinho Vermelho. Somente os meninos quiseram ser o Lobo Mau e todas as meninas quiseram ser a Chapeuzinho Vermelho.

Naquele momento, respeitamos a decisão das crianças, pois, segundo Almeida e Mahoney (2004, p. 24) isso significa “[...] não limitá-las em seu desenvolvimento, mas oferecer a elas vários meios para que desenvolvam suas ações, proporcionar a autonomia e acolhê-la sempre”. Posteriormente, analisando a situação, construímos outro olhar. Diante da brincadeira proposta, poderíamos, ter problematizado a questão de gênero com a turma. De acordo com Louro (1997, p. 77) gênero refere-se “[...] ao modo de como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, e num determinado contexto”. Isso nos orienta que poderíamos ter sugerido que a brincadeira de uma forma

diferente: que as s crianças que invertessem os papeis. Se acatassem os meninos poderiam brincar de Chapeuzinhos Vermelhos e as meninas poderiam representar os Lobos Maus.

Dando sequência à explanação da atividade, para iniciar o faz de conta, imaginamos que as Chapeuzinhos Vermelhos perderam a cesta de frutas que levariam para a vovó. Para ajudá-las, decidimos sair à procura da cesta explorando a instituição, a qual simbolizava a floresta e os vilarejos. Enquanto seguimos com a busca, cantarolamos “Vamos passear pela floresta enquanto seu lobo não vem...”. As crianças desconheciam a música, mas aprenderam e cantaram conosco. Foi um momento importante, pois “[...] a música mantém um contato estreito e direto com as demais linguagens expressivas (movimento, expressão cênica, artes visuais etc.)”. (BRASIL, 2010, p. 49).

Dando asas à imaginação, ao caminhar pela floresta, as Chapeuzinhos Vermelhos passaram pelo primeiro vilarejo (sala do Maternal I) e, todas juntas, perguntaram: “Vocês viram a cesta da vovó?”. As crianças do Maternal I responderam em voz alta: “Nãããooo!”. Com a informação, seguiram viagem. Depois, passaram pelo segundo vilarejo (sala do Berçário II)... E nada da cesta de frutas. Por fim, chegaram ao terceiro vilarejo (um espaço no gramado onde estava a turma do Pré I) e também não encontraram a cesta, e assim por diante...

Imagem 4: Atividade: Brincando de Chapeuzinho Vermelho



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2014.

Enquanto as Chapeuzinhos Vermelhos procuravam a cestinha, os lobos, sorratamente, as seguiram com o mesmo objetivo. Assim, como ocorreu com as meninas, eles visitaram todos os vilarejos na busca do objeto almejado. No trajeto, os “habitantes do Maternal I” os informaram que as Chapeuzinhos Vermelhos haviam ido para um vilarejo mais adiante...

E lá se foram os lobos atrás das Chapeuzinhos Vermelhos. Chegando ao segundo vilarejo (berçário II), os bebês demonstraram um pouco de medo. Por isso, tiramos as máscaras de lobo para acalmá-los e demos continuidade à brincadeira. Os lobos foram para o terceiro vilarejo (Pré I), e as crianças o quiseram pegar, mas, não encontraram as Chapeuzinhos Vermelhos... (Diário de Bordo, 2014).

Imagem 5: Atividade: Brincando de Chapeuzinho Vermelho



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2014.

Chegando ao último vilarejo (parque do Ceim), as Chapeuzinhos Vermelhos encontraram a cesta, escondida atrás de um arbusto (uma árvore ao lado do parque). Ao encontrarem a cesta da vovó, imediatamente quiseram ver o que havia dentro da mesma, mas, com a chegada dos Lobos Maus, iniciou-se um “pega-pega” na disputa pelos alimentos. A brincadeira foi improvisada pela turma. Através do faz de conta, as crianças reinventaram a brincadeira, como afirma Vygotsky (1998, p. 127) “Ao brincar a criança consegue separar pensamento de objetos, e a ação surge das ideias não das coisas.”. Por isso, percebemos o quanto brincar é importante para as crianças, pois impulsiona o processo de aprendizagem. Como consequência, as crianças correram umas atrás das outras para salvar a cestinha.

Imagem 6: Atividade: Brincando de Chapeuzinho Vermelho



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2014.

Para finalizar a atividade, sentamos no gramado degustamos as frutas da cesta.

c) Somos nadadores...

Na terceira atividade da SD, brincamos de Nadadores. Para iniciar, lemos o conto da Pequena Sereia. As crianças ouviram atentamente. Apesar de já conhecerem o enredo avaliamos ser importante “[...] resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que freqüentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções.” (BRASIL, 1998 c, p. 143).

Depois, tendo o enredo como inspiração, imaginamos sermos nadadores à procura de uma piscina. Essa foi encontrada, para surpresa das crianças, no gramado do Ceim, representada por com uma lona, com água e shampoo.

Ao chegarmos, à piscina os nadadores deram um “tchibum”. As crianças brincaram, cantarolando a música “tchibum... tchibum... da cabeça ao bumbum”. Cantando, percebemos que estávamos se comunicando de várias formas: entre si e com a própria atividade. De acordo com o RCNEI, quando cantam, as crianças “[...] desenvolvem condições necessárias à elaboração do repertório de informações que posteriormente lhes permitirá criar e se comunicar por intermédio dessa linguagem”. (BRASIL, 1998 c, p. 59).

Imagens 7 e 8: Atividade: Somos Nadadores.



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2014.

Após a brincadeira, chegou o momento da higienização da turma. Sabemos que na EI o banho precisa ser “[...] planejado, preparado e realizado como um procedimento que tanto promove o bem-estar quanto um momento no qual a criança experimenta sensações.” (BRASIL, 1998 b, p. 57). Como elas já haviam brincado na água, avaliamos que não seria necessário tomar outro banho. Assim, como as roupas estavam organizadas, as crianças saíram da “piscina” e, com a ajuda das professoras foram se enxugando e se trocando.

Depois, retornamos à sala de atividades previamente preparada para uma pintura com texturas. Para isso, as crianças utilizaram vários recursos, como erva de tereré, carvão, colorau, café, entre outros. Com muita criatividade, elas desenharam e enfeitaram sua produção com texturas.

d) Bruxa que encanta

A quarta atividade da SD não ocorreu como planejada. Para dar início a SQ, contamos a história “Bruxa, bruxa venha a minha festa” (ARDEN DRUCE, 1995). Com ela, percebemos como as crianças ”[...] gostam de ouvir vários tipos de histórias e, também, fazer comentários, não de ficar apenas ouvindo.” (BRASIL, 2012, p.30). Após esse momento, instigamos a turma à criação da brincadeira “Bruxa que encanta”, como revela a imagem na sequência. Reavaliando o processo, percebemos que poderíamos ter proposto a atividade de outra forma. As crianças poderiam ter recontado o enredo a partir da obra original e das ilustrações como orienta o RCNEI (BRASIL, 1998). Além disso, poderíamos ter organizado uma brincadeira de “festa de aniversário da bruxa”, na qual as crianças seriam as personagens que organizariam uma festa.

Imagens 9 e 10: Atividade: Bruxa que encanta



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2014.

Na brincadeira, deixamos a turma à vontade para escolher quem representaria a bruxa e os demais personagens encantados por ela. Nesse momento:

A bruxa pegou a varinha de condão e “plim”: “transformou” as crianças em grandes sapos. Eles pularam de um lado para o outro em uma perna só. Depois, Bryan quis ser a bruxa e, pediu a todos que “imitassem um cachorrinho”. Sem mais, pegou a

varinha de condão e “Puft” todas as crianças se transformaram em belos cachorrinhos e saíram caminhando pela sala (Diário de Bordo, 2014).

As crianças mostraram interesse na brincadeira, mas por pouco tempo.

A não obtenção dos objetivos nos indicou à reorganização do ambiente e a uma consulta, às crianças, do que elas gostariam de brincar. Maria solicitou brincar “com os animais da caixa que a professora trouxe” (uma caixa com animais de brinquedos). Atendemos seu pedido. Reorganizamos o ambiente e brincamos com os objetos da caixa. Logo após, junto com a turma do Pré I, brincamos de roda e com os bambolês explorando o gramado da instituição.

e) Voando no tapete mágico...

Na quinta, e última, atividade da “Sequência Didática Faz de Conta”, exploramos por meio da brincadeira, múltiplas possibilidades e maneiras de nos posicionarmos em cima de um “tapete mágico”, representado por um dos fragmentos de uma casinha de plástico desmontada, que fica à disposição das crianças no gramado da instituição. Com a proposta, percebemos como orienta Kishimoto (2003, p. 68), que “O brinquedo aparece como um pedaço de cultura colocado ao alcance da criança, pois é seu parceiro na brincadeira.”. Para as crianças, os “brinquedos da casinha”, denominados por elas, eram seus preferidos, por isso os utilizamos “fazendo de conta” que ele era nosso tapete mágico. Para isso, as sentamos no material, individualmente, e empurramos o “tapete”, simulando um voo. Todas as crianças participaram e repetiram a experiência.

Imagens 11 e 12: Atividade: Voando no tapete mágico.



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2014.

Nessa atividade, percebemos que, em vários momentos, as crianças recriaram as atividades planejadas pelas estagiárias. No caso dos “brinquedos da casinha”, especificamente, elas:

“[...] Sentaram nos “brinquedos da casinha”, e uma criança empurrava a outra, e dizia: ”Prof. Olha! Estamos voando bem alto!”. Em seguida, todas as crianças sentaram e disseram que estavam viajando de tapete mágico” (Relatório de Estágio, 2014).

Visto dessa forma, percebemos como o brinquedo, segundo Vygotsky (1998, p. 122) favoreceu uma zona de desenvolvimento proximal com as crianças.

Dessa forma, os brinquedos foram recriados pelas crianças. Vygotsky (1998, p. 137) afirma que “[...] a essência do brinquedo é a criação de uma nova relação entre o campo do significado e o campo da percepção visual, ou seja, entre situações no pensamento e situações reais”. Por isso, utilizando as partes da casinha, as crianças recriaram brincadeiras. As peças se transformaram em tapete mágico e ônibus.

Após a atividade, nos dirigimos para outro espaço do Ceim, preparado para “brincar de casinha”. Para isso, disponibilizamos a turma fogões, panelas, massinhas de modelar, pratos e outros utensílios domésticos. As crianças socializaram e exploraram coletivamente os objetos, fazendo de conta que eram cozinheiros e que estavam preparando um jantar. Para findar a atividade, reorganizamos coletivamente o ambiente.

Algumas conclusões

O Estágio Supervisionado na Educação Infantil foi gratificante. As experiências e a convivência com as crianças foram enriquecedoras. O trabalho desenvolvido foi dinâmico e prazeroso, estimulando o desenvolvimento das crianças no processo de ensino e de aprendizagem. Com as atividades, procuramos sempre motivar as crianças em situações que as desafiam e as levaram a compreender as atividades propostas, dentro e fora de sala, respeitando o ritmo de cada uma delas.

O brincar foi de grande importância para o desenvolvimento das crianças, pois no momento em que elas brincaram aprenderam e produziram novos significados. Nesse sentido, o brincar se tornou uma forma de aprendizagem para que as crianças reproduzissem o que sabiam exercendo autonomia e criatividade.

Ao brincarem de faz de conta, as crianças enriqueceram formas de agir e de pensar. Nas brincadeiras desenvolvidas constatamos que o brincar é uma ação na qual a turma se envolveu no tempo e no espaço, transformando cada brinquedo ou brincadeira em um recurso de aprendizagem.

As situações que ocorreram durante o estágio proporcionaram a nós futuras professoras, um novo olhar para a docência na Educação Infantil, de como propor práticas que envolvem interações e brincadeiras como resolver os problemas e agir no ambiente de trabalho. As experiências que vivenciamos foram significativas e enriquecedoras para o processo de nossa formação. Possibilitou-nos reflexões sobre como é, e como poderá ser a atuação de pedagogos nos diferentes contextos educativos.

Por fim, nós, educadoras, acreditamos que, a partir da vivência com as crianças e com os funcionários da instituição, o estágio nos faz perceber a teoria discutida nas diferentes disciplinas do curso de formação inicial.

Confirmou que a Educação Infantil é muito mais do que cuidar das crianças. Abarca o cuidar, o educar e o brincar. As brincadeiras proporcionam conhecimentos e compreensão sobre o espaço em que as crianças vivem e, é um momento de aprendizagem que influenciará em todo o decorrer das suas vidas, principalmente, das nossas, como educadoras.

Referências

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica**. Técnicas e jogos pedagógicos. 11 ed. São Paulo: Loyola, 2003.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga (Orgs.). **Henri Wallon: psicologia e educação**. 6 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

BRASIL. **Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Brasília, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Brinquedos e brincadeiras de Creches**. Manual de Orientação Pedagógica. Brasília: MEC, SEB, 2012.

BRASIL. **O Desenvolvimento humano numa perspectiva sociocultural: as contribuições de Vygotsky**. Brasília: MEC, 2005. Coleção Proinfantil, Módulo II. Unidade 2, V. II. p. 20-24.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, v. 1. Introdução. MEC/SEF, 1998a.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, v. 2. Conhecimento de Mundo. MEC/SEF, 1998c.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 2003.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LOURO, Guacira. **Gênero e magistério: identidade, história e representação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

NERY, Alfredina. **Modalidades organizativas do trabalho pedagógico: uma possibilidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

PEIXOTO, Maria Cristina do Santos; AZEVEDO, Leny Cristina Soares Souza, **Entrelaçando diferentes linguagens na educação infantil: reflexões e práticas**. In: Caderno de Formação Unesp/Univesp, São Paulo, vol.3, n.08, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na formação de professores: Unidade teoria e prática?** São Paulo: Cortez, 1995.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1998.